



INFÂNCIAS SELVAGENS NA CIDADE: O DEPARTAMENTO DE CULTURA DE SÃO PAULO-SP (1935-1938)

EIXO TEMÁTICO: 1. DISPUTAS DO/PELO PROGRESSO E DO/PELO MODERNO

QUEIROZ, Igor

Doutorando; PPGAU/UFBA
igor.gq@gmail.com

RESUMO

Na cidade de São Paulo dos anos 1930, pretendeu-se a construção de um ideário moderno brasileiro, baseado na manutenção de uma noção moderna, adulta e europeia de *infância*, observadas no projeto do Departamento de Cultura da cidade de São Paulo (1935-1938), chefiado pelo escritor modernista Mário de Andrade. É o debate entre esta narrativa urbana, relacionado a outras possibilidades de infâncias ou outros modos de ser criança no Brasil, que nos possibilita questionar e experimentar outros modos de pensar, fazer e narrar histórias dos modernismos e da modernização das cidades brasileiras. A criança, como possível construtor de articulações entre distintos saberes, discursos e práticas heterogêneas, ajuda-nos a romper barreiras, sobretudo em formas já cristalizadas da construção historiográfica das nossas cidades. Através de práticas rebeldes e desestruturadoras da ordem urbana, as crianças, constantemente associadas a seres estranhos ou selvagens na cidade, são observadas pelos fotógrafos, educadores, arquitetos e urbanistas e, como um enigma urbano, desviam o seu olhar e também nos observam.

PALAVRAS-CHAVE: criança; infâncias; selvagens; progresso; modernidade.

ABSTRACT

In the city of São Paulo in the 1930s, the aim was to construct a modern Brazilian ideology, based on maintaining a modern, adult and European notion of *childhood*, observed in the project of the Department of Culture of the city of São Paulo (1935-1938), headed by the modernist writer Mário de Andrade. It is the debate between this urban narrative, related to other possibilities of childhoods or other ways of being a child in Brazil, that allows us to question and experiment with other ways of thinking, doing and telling stories of modernism and the modernization of Brazilian cities. The child, as a possible builder of articulations between different knowledge, discourses and heterogeneous practices, helps us to break down barriers, especially in already crystallized forms of the historiographic construction of our cities. Through rebellious practices that disrupt the urban order, children, constantly associated with strange or wild beings in the city, are observed by photographers, educators, architects and urban planners and, like an urban enigma, they look away and also observe us.

KEY-WORDS: *child; childhoods; wild; progress; modernity.*

RESUMEN

En la ciudad de São Paulo de los años 1930, el objetivo era construir una ideología brasileña moderna, basada en el mantenimiento de una noción moderna, adulta y europea de la *infancia*, observado en el proyecto de la Secretaría de Cultura de la ciudad de São Paulo (1935-1938), encabezado por el escritor modernista Mário de Andrade. Es el debate entre esta narrativa urbana, relacionada con otras posibilidades de infancias u otras formas de ser niño en Brasil, lo que nos permite cuestionar y experimentar otras formas de pensar, hacer y contar historias del modernismo y la modernización de las ciudades brasileñas. . El niño, como posible constructor de articulaciones entre diferentes saberes, discursos y prácticas heterogéneas, nos ayuda a romper barreras, especialmente en formas ya cristalizadas de la construcción historiográfica de nuestras ciudades. A través de prácticas rebeldes que alteran el orden urbano, los niños, constantemente asociados con seres extraños o salvajes de la ciudad, son observados por fotógrafos, educadores, arquitectos y urbanistas y, como un enigma urbano, miran hacia otro lado y también nos observan.

PALABRAS CLAVE: *niño; infancias; salvaje; progreso; modernidad.*

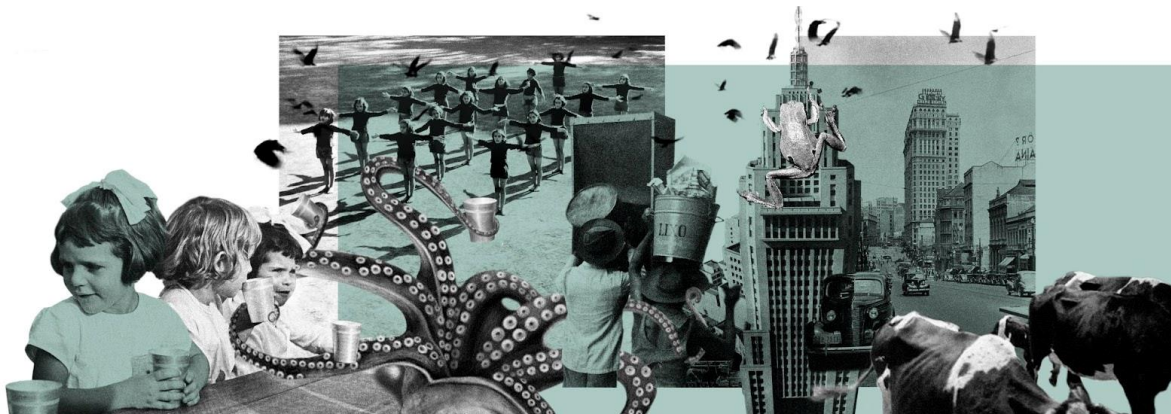
*Menino, sai! Eu te odeio,
Menino assombrado, feio,
Menino de mim, menino,
Menino trelento, que enches
Com teus silêncios puríssimos
A bulha dos meus desejos,
Que nem a calma da tarde
Vence a bulha da cidade...
Menino mau, que me impedes
De entrar também pro recheio
Das estatísticas... sai!
Menino vago, sem nome,
Que me embebes inteirinho
Nesta amargura visquenta
Pelos homens! Pelos homens!...*

Mário de Andrade, **Reconhecimento de Nêmesis**, 1926

*Je n'entends pas votre langage
Je refuse un autre cerveau dit l'enfant
l'enfant sauvage.*

Jacques Prévert, **Silence de vie**, [s.d.]

Figura 1: "Selvagens na cidade"



Fonte: Colagem elaborada pelo autor (2023).

A infância é uma invenção moderna. Na Europa, somente depois dos séculos XVI e XVII reconheceu-se que a infância existia. Segundo o crítico social americano Neil Postan (1999), a noção de *infância* [do latim, *in*, 'não', e *fans*, *fantis*, do verbo *fari*, 'falar', 'ter a faculdade da fala'. *infans*, *infantis*, 'que não fala'] se consolidou a partir da separação seriada no ensino escolar, uma preocupação das classes média e alta na Europa, na segunda metade do século XIX. Por terem outra natureza e outras necessidades, as crianças foram separadas do resto da população e passaram a ser vistas não como miniaturas de adultos, mas como adultos ainda não formados.

Quando o livro e a escola criaram a criança, criaram também o moderno conceito de adulto. [...] A infância e a idade adulta se tornaram cada vez mais diferenciadas, cada esfera aperfeiçoou seu próprio mundo simbólico e, finalmente, passou-se a aceitar que a criança não podia compartilhar a linguagem, o aprendizado, os gostos, os apetites, a vida social de um adulto. (POSTAN, 1999, p. 64).

As atitudes em relação às crianças foram aos poucos ressignificadas e redefinidas, acompanhadas de mudanças econômicas e transformações sociais e da vida nas cidades, até que a infância, enquanto noção e elemento constitutivo da família e da sociedade, se consolidou. Entretanto, como provoca a historiadora brasileira Mary Del Priore (2020), acerca do tema da história da criança no Brasil, a historiografia internacional pode até nos servir de

inspiração ou parâmetro, mas não como uma bússola. Além de levarmos em consideração a pobreza e a falta de escolarização da criança brasileira ao longo de sua história, “[...] diferentemente da história da criança feita no estrangeiro, a nossa não se distingue daquela dos adultos. Ela é feita, ao contrário, à sua sombra.” (PRIORE, 2020, p. 14)

A criança é a imagem da extrema vulnerabilidade e, justamente por isso, ela é vista representada em inúmeros projetos de modernização de cidades no início do movimento moderno em arquitetura e urbanismo, utilizadas de modo a confirmar hipóteses de necessidade de intervenção urbana como proteção da saúde física destes “pequenos e indefesos” habitantes da cidade.¹ Neste processo, a infância é convertida na matéria-prima para a realização de projetos sobre um mundo de previsões, desejos e expectativas sobre um futuro útil, encapsuladas, sobretudo, na imagem do progresso de cidades e até de uma Nação como o Brasil em tempos de desenvolvimentismo. Entretanto, apesar da imagem idealizada e que se adequou tão bem aos ideais modernos do que é ser uma criança, – da representação de um potencial adulto em gestação e do homem moderno por vir –, estas crianças não são meros espectadores que respondem exclusivamente aos desejos adultos.

A criança, como possível construtor de articulações entre distintos saberes, discursos e práticas heterogêneas, ajuda-nos a romper certas barreiras (físicas e imaginárias), sobretudo quando em se tratando de formas já cristalizadas da construção historiográfica das nossas cidades. É o debate entre narrativas urbanas da História oficial, relacionadas a outras possibilidades de infâncias ou outros modos de ser criança no Brasil, que nos possibilita

¹ No livro *Urbanismo*, de 1925, Le Corbusier traz a imagem de um caderno de classe infantil para ilustrar a geometria como base de qualquer projeto arquitetônico e urbanístico. Para o arquiteto franco-suíço, a solução eficaz para o problema das cidades modernas já estava “[...] impressa nos cadernos de classe das escolas primárias da França; é a geometria.” (LE CORBUSIER, 2009, p. XI). Sobre as relações entre Le Corbusier e as infâncias nas cidades, ver: QUEIROZ, Igor Gonçalves. **Brinquedo e brincadeira**: fabulações entre criança, cidade e urbanismo. 254 p. il. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018.

questionar e experimentar outros modos de pensar, fazer e narrar histórias do progresso, dos modernismos e da modernização das cidades brasileiras.

Para começar, a história sobre a criança feita no Brasil, assim como no resto do mundo, vem mostrando que existe uma enorme distância entre o mundo infantil descrito pelas organizações internacionais, pelas não governamentais e pelas autoridades, daquele no qual a criança encontra-se cotidianamente imersa. (PRIORE, 2020, p. 8)

Aqui no Brasil, na cidade de São Paulo (SP) dos anos 1930, uma experiência inovadora e peculiar pretendia justamente a construção desse ideário moderno brasileiro, baseado na manutenção de uma noção moderna, adulta e europeia de infância: o projeto do Departamento de Cultura da cidade de São Paulo, chefiado pelo escritor modernista Mário de Andrade.

CRIANÇAS E URUBUS

Num depósito de lixo a céu aberto, um homem trabalha em meio aos urubus. Ao voo dos animais, sobrepõe-se a cena de um grupo de meninos revirando o lixão. Gestos sincronicamente mecanizados revelam a simulação de uma cena cotidiana ou mesmo “bem estranha” de um daqueles “lugares desertos que pouca gente sabe onde fica” na cidade de São Paulo, como afirma a voz em *off* do narrador. A encenação é do ano de 1954 e foi filmada no bairro de Pinheiros, por Benedito Junqueira Duarte, que produziu cerca de 2.700 fotografias e mais de 500 filmes e documentários sobre as transformações urbanas da cidade de São Paulo.²

² Em 1937, Benedito Junqueira Duarte foi chamado por Mário de Andrade para organizar o acervo iconográfico adquiridos pela Prefeitura de São Paulo em meados da década de 1930, contendo negativos de vidro feitos por Aurélio Becherini desde 1910, que registravam o processo de urbanização da capital paulista. B.J. Duarte integrou a Seção de Iconografia do recém-criado Departamento de Cultura Municipal, “[...] concebido com amplos propósitos de promoção cultural, preservação de acervos e patrimônio e de inventariar formas de expressão cultural popular.” (LIMA, 2007. In: FERNANDES JUNIOR; ALVES DE LIMA; VALADARES, 2007, p. 23). O período mais produtivo de Benedito no Departamento se dá justamente nas administrações do prefeito Fábio Prado (1934-1938) e Prestes Maia (1938-1945).

O pequeno documentário a que nos referimos intitula-se “Parques Infantis da cidade de S. Paulo”³ e foi produzido pelo Departamento de Cultura da capital paulista, órgão fundado em 1935 pelo então prefeito Fábio Prado com o intuito de abranger todo o movimento educacional, artístico e cultural, a partir de quatro divisões principais: Expansão Cultural; Bibliotecas; Educação e Recreios e; Documentação Histórica e Social.

Nos bastidores dessa institucionalização da cultura urbana, atuavam intelectuais cujas vidas públicas iniciaram-se na Semana de Arte Moderna de 1922. Para citar alguns: Paulo Duarte, Rubens Borba de Moraes, Sérgio Milliet e, destacamos aqui, a figura de Mário de Andrade como diretor do Departamento e chefe da Divisão de Expansão Cultural. Desse modo, este poeta, romancista, professor de música, crítico de arte e pesquisador, foi também servidor público e teria sido, portanto, o nosso primeiro Secretário de Cultura. O Departamento que chefiou entre 1935 e 1938 abrigava ações de Assistência Social, Esportes, Lazer, Turismo, Estatística e Planejamento, Meio Ambiente, tudo o que se pudesse classificar sob o viés da educação.

A proposta se inseria nas ambições do Partido Democrático de conduzir à Presidência da República Armando de Sales Oliveira, então governador do Estado de São Paulo e, inicialmente, fazer do Departamento de Cultura o protótipo de um Instituto Paulista de Cultura, um projeto político da elite paulistana que serviria de modelo a um futuro Instituto Brasileiro de Cultura. Mário de Andrade via no acesso à cultura de elite um meio eficaz de suplantar o atraso intelectual e político dos mais pobres. Para ele, “um país como o nosso, em que a cultura infelizmente não é ainda uma necessidade quotidiana de ser, está aguçando com violência dolorosa o contraste entre uma pequena elite que realmente se cultiva e um *povo abichornado* em seu rude corpo.” (ANDRADE, 1937. In: CALIL; PENTEADO, 2015, p. 14, grifo nosso)

³ **Parques infantis da cidade de S. Paulo.** Direção de Benedito Junqueira Duarte. São Paulo: Prefeitura do Município de São Paulo; Secretaria de Educação e Cultura; Departamento de Educação, Assistência e Recreio, 1954. (10 min.), son., P&B.

O crescimento da candidatura de Armando de Sales Oliveira à presidência durante o ano de 1937, com perspectiva de ser eleito no ano seguinte, precipitou o golpe do Estado Novo, deflagrado por Getúlio Vargas. Mudou-se completamente o cenário político em São Paulo, com a inevitável substituição do prefeito Fábio Prado pelo engenheiro e urbanista Prestes Maia, “um técnico insensível – e hostil – às *‘brincadeiras’*”⁴ do Departamento de Cultura.” (CALIL, 2015, p. 16, grifo nosso)

AUTOMÓVEIS E BOIS

O antropólogo francês Claude Levi-Strauss fotografou nos anos 1930, o que ele chamou de “o encanto da cidade” de São Paulo: o choque temporal existente entre a imagem de um bonde elétrico sendo retardado por uma boiada assustada por buzinas de automóveis. Apenas alguns anos depois, Jorge Americano, numa crônica intitulada “A Boiada 1934”, também narra o cotidiano de uma capital onde animais e pessoas, as novas tecnologias emergentes e uma cidade ainda provinciana, se chocam:

O encanto da cidade, o interesse que ela suscitava vinham primeiro de sua diversidade; ruas provincianas onde o gado retardava a marcha dos bondes; bairros deteriorados que sucediam sem transição às mais ricas residências; perspectivas imprevistas sobre vastas paisagens urbanas: o relevo acidentado da cidade e as defasagens no tempo, que tornavam visíveis os estilos arquitetônicos, cumulavam seus efeitos para criar dia após dia espetáculos novos. (LÉVI-STRAUSS, 2001, p. 23)

Tiniu o telefone. Era Elza, avisando que ninguém saísse de casa, porque andava solta pela cidade uma boiada enfurecida. [...] Daí a pouco apareceram no nosso quarteirão da Avenida Angélica alguns bois soltos, uns perseguidos outros perseguindo, um olhando como boi para palácio, outros filosofando, e vários “naquela aspiração de liberdade de que a natureza dotou todos os animais”. Era uma boiada que se assustara com a buzina de um automóvel. (AMERICANO, 1962, p. 210)

⁴ Acerca desta relação entre o Departamento de Cultura e as brincadeiras, Carlos Sandroni (1988, p. 78) afirma: “O que queremos situar é uma alternativa: considerar o grupo do DC como um *‘brinquedo de ricos’*, que consegue graças à sua aparente inofensividade realizar um trabalho voltado afinal contra seus desprevenidos patrocinadores, ou considerá-lo como respondendo a uma necessidade efetiva destes – isto é, do setor da classe dominante de São Paulo que se expressava no Partido Constitucionalista.”

Se voltarmos ao documentário dos Parques Infantis, a cena que se segue àquela citada no tópico anterior, é barulhenta: enquanto uma algazarra de meninos joga bola num terreno baldio da grande cidade, o narrador as compara a “*pequenos animais*”, ou “*filhotes de homens*”, que estão sempre à procura de um espaço onde possam expandir-se livremente. A construção da imagem desta *criança selvagem*, indisciplinada ou mesmo de uma certa *selvageria* ou incivilidade das suas brincadeiras na metrópole talvez sintetize bem o que era e o que pretendia ser a São Paulo no auge do seu desenvolvimento econômico nas primeiras décadas do século XX, descritas tão bem nas palavras de Claude Lévi-Strauss e de Jorge Americano. Nos relatos de Mário de Andrade deste mesmo período, é esta a cidade que ele também estranha:

Disseram-na fria e feia um dia, e *São Paulo era feia encafuada em seus grotões*. Mas São Paulo quer-se bonita e higiênica para que o viajante não venha mais encontrar nela apenas *sapo*, gripe e solidão. Os grotões transformaram-se em jardins cortados ao meio pelas avenidas e pela sombra dos viadutos. *Não há mais sapo*. Nos jardins encontrareis recintos fechados com instrutoras, dentistas, educadoras sanitárias dentro. São os parques infantis onde as crianças proletárias se socializam aprendendo nos brinquedos o cooperativismo e a consciência do homem social. (ANDRADE, 1936. In: Revista do Arquivo Municipal, 1936, p. 273, grifo nosso)

A esta cidade feia e desordenada, habitada por sapos e tomada por grotões, sobrepõe-se grandes avenidas, altos viadutos e rios canalizados, numa São Paulo que encontra-se naquele momento, num processo de modernização caótico e acelerado. Tornava-se urgente, portanto, civilizar a população desta cidade em pleno desenvolvimento. Mais que isso, era preciso transformá-la culturalmente, educá-la e discipliná-la – a partir do urbano – e o principal meio para se atingir este fim, todos já sabemos, eram as crianças. Não à toa, a cena do futebol dos meninos do documentário encerra-se tragicamente com um deles sendo atropelado por um automóvel, quando corre para pegar a bola na rua.

Crianças que, olhares pregados no céu à cata de balões, pés apoiados nos estribos dos bondes ou flutuando no espaço em meio à disputa pela bola, pensamento imerso nas brincadeiras e alheio aos perigos que a cidade apresentava, incentivaram intervenções das autoridades municipais, respaldadas nos trâmites processuais e que se viam verdadeiramente legitimadas, perante a população, por

intermédio da imprensa.⁵ Paulatinamente, portanto, a municipalidade passaria a cercear ou a impor limites aos pequenos prazeres da garotada, fosse em razão do perigo que neles percebia, fosse em razão de considerá-los inadequados à cidade que pretendia tornar moderna e, em seu entendimento, civilizada. (MOURA, 2015, p. 1-2)

A formação cultural infantil paulistana deste período deu-se de modo assistencial e paternalista, através de instituições e equipamentos públicos como Parques Infantis, o Teatro Municipal, o Arquivo Municipal e o Serviço de Diversões Públicas, além de bibliotecas populares de bairro ou das “Bibliotecas Ambulantes”, caminhonetes que partiam em busca do público.

Aí é que apareceu uma novidade sensacional: a Biblioteca Ambulante. Instalada num caminhão, este estacionava, cada dia, numa praça pública: Jardim da Luz, Praça da República, Largo da Concórdia, etc... Os livros cuidadosamente escolhidos pela sua qualidade de atrair e educar. O entusiasmo popular foi imenso. Tão grande que, quando Fábio Prado deixou a Prefeitura, havia, em adaptação, mas quatro veículos!... (DUARTE, 1985, p. 75)

A cidade que entre 1910 e 1934 passou de 375 mil para mais de um milhão de habitantes, sendo destes últimos quase 300 mil de origem estrangeira, se utilizou destes equipamentos para educar principalmente uma população imigrante considerada desenraizada de uma cultura genuinamente brasileira, “na pretensão ambiciosa de tudo saber sobre o Brasil [...], levando o livro a casa dos homens sem vontade ou experiência.” (ANDRADE, 1936. In: Revista do Arquivo Municipal, 1936, p. 273)

Com atuação efetiva sobre as crianças, investiu-se no amparo dos considerados "futuros cidadãos", que deveriam crescer física e moralmente, sob a orientação e fiscalização de

⁵ Na edição de 21 de dezembro de 1923, o Jornal do Comércio noticiava: “Em nenhuma cidade do mundo o visitante vê tamanha multidão de crianças na rua como em São Paulo. Nas ruas, elas jogam futebol, cabra-cega, 'pique', etc. Infelizmente, em nenhuma cidade populosa do mundo é tão grande o número de crianças mortas ou feridas por automóvel.” (In: MOURA, 2015, p. 6)

educadoras inflexíveis⁶, informa o narrador do documentário. O investimento na formação do futuro cidadão paulistano não significava somente pensar o futuro do país, mas também uma ação educativa imediata voltada aos adultos. O trabalho exercido pelas educadoras era visto como uma “função pedagógica da educadora para a criança, retransferida aquela por uma curiosa influência antropológica, da criança para a família.” (DUARTE, 1985, p. 83) Dessa forma, os pais aprenderiam com os seus filhos o que não haviam aprendido durante as suas infâncias.

Foi quando surgiu um problema curioso e que os parques infantis tiveram de resolver imediatamente: a fuga do lar. De fato, a criança que passava fome, frio, toda espécie de necessidades em casa, começou a preferir o parque à casa, a educadora ou a instrutora, que com ela brincava às mães. E foi a *missão* de entrosar os pais na vida do parque com visitas às casas, aconselhando-se um pouco de bem estar em lares onde, muitas vezes, toda miséria era mais um produto da ignorância do que da penúria. [...] Política inspirada em Anchieta que viu genuinamente *o método de conquistar os pais selvagens, pelos curumins que ele catequisou*. (DUARTE, 1985, p. 86, grifo nosso)

Além do trabalho com o corpo, o descanso da mente, como um modo de formação – ou *catequização* – de uma mentalidade intelectual, era intensificado por atividades tranquilas e pedagogizantes: modelagem, desenho,⁷ plantação e manutenção da horta do parque, carpintaria e marcenaria, leitura de histórias infantis ou lição prática de coisas e da vida coletiva, através de cinema dramatizações, palestras etc. Atividades que, segundo o narrador do filme, seriam capazes de manter sempre vivo o pequeno espírito em formação, “numa terra preparada para receber a semente boa ou má”. E com esse discurso de cunho um tanto

⁶ Importante perceber o caráter de gênero na formação das ações do Departamento de Cultura. Enquanto as educadoras (professoras, pedagogas e bibliotecárias) eram, em sua maioria, mulheres e exerciam as funções relacionadas ao cuidado e educação pedagógica das crianças, os profissionais de saúde (médicos, dentistas, sanitaristas, profissionais de educação física) eram, em maioria, homens. Também nas fotografias de B. J. Duarte, notamos as divisões de tarefas e brincadeiras específicas para meninos (brinquedos de construção) e de meninas (bordados), por exemplo.

⁷ “O que me agrada principalmente na tão complexa natureza do desenho, é o seu caráter infinitamente sutil, de ser ao mesmo tempo uma transitoriedade e uma sabedoria. O desenho fala, chega mesmo a ser muito mais uma espécie de escritura, uma caligrafia.” (ANDRADE, 19XX. In: RUBINO, 2013, p. 44).

eugenista e progressista, cuidava-se no Parque Infantil para que nesse chão apenas caísse "o bom prenúncio de fartas colheitas".

MAPAS E POLVOS

Esquadrinhar a cidade, conhecer os padrões de vida da população, especialmente dos seus operários, para então planejar ações de intervenções urbanas. *"Feito um polvo, as pesquisas sociais tudo abarcam com uma audácia incomparável que permitirá muito breve à cidade conhecer-se em todas as suas condições, tendências e defeitos."* (REVISTA..., 1936, p. 273, grifo nosso) Foi com este objetivo que o Departamento de Cultura, em colaboração com a Universidade de São Paulo e a Escola de Sociologia e Política realizou cerca de dez pesquisas que tinham como objetivo, em sua maioria, coletar dados como densidade populacional, origem, sexo, idade, estado civil e profissão. Estava criado, então, um laboratório de investigações científicas, com fins de observar a cidade de São Paulo como num microscópio.⁸

Pois esse início teve imediato eco no estrangeiro, em países e capitais, os mais civilizados do mundo. [...] Esses dados lá chegaram através do Congresso de População realizado em França, no ano de 1937, ao qual foi apresentada por Sérgio Milliet, uma série de pesquisas feitas pela Divisão de Documentação Social e que recebeu menção especial, numa das sessões plenárias daquela assembleia. [...] Pela

⁸ O termo faz referência a uma das principais pesquisas realizadas pelo Departamento de Cultura, intitulada *"São Paulo au microscope"*. A partir da imagem do microscópio, Charles Baudelaire e Walter Benjamin interessaram-se justamente por essa potência criativa dos brinquedos infantis, a partir da provocação de que esses objetos não estariam reservados exclusivamente ao mundo infantil, mas pertenceriam à própria "infância da ciência", aquilo que Baudelaire denominou "brinquedos científicos": os caleidoscópios, estetoscópios, telescópios, microscópios ou outras lanternas mágicas, objetos que funcionam, tecnicamente, "brincando" a partir da relação entre lentes e espelhos, gerando visões de perto e de longe, focadas ou desfocadas, panorâmicas ou recortadas. A diferença aqui está justamente no fato de que, para o Departamento de Cultura, a ideia de microscópio aludia a um levantamento de diversas categorias sociais, dividindo a cidade por bairros com o intuito de esquadrinha-la em sua totalidade, enquanto que para Benjamin e Baudelaire, estes objetos espectrais da "infância da ciência" seriam mais instrumento de fazer ver, pensar, criar e (re)inventar o mundo e as cidades numa lógica fragmentária e sob diversas perspectivas: focos, borrões, fragmentos, totalidades, formas e cores. Ver: QUEIROZ, Igor Gonçalves. Caleidoscópio. In: JACQUES et al. (org.). **Laboratório Urbano**: pequeno léxico teórico metodológico. Salvador: Edufba, 2022, p. 59-64.

primeira vez, se apresentava num laboratório de investigações sociológicas uma cidade *au microscope*. Essa cidade é a cidade de São Paulo, que para ali enviara oito representações ecológicas levantadas pelo Departamento de Cultura em menos de dois anos de trabalho. (DUARTE, 1985, p. 60, grifo do autor)

Patrícia Tavares Raffaini, ao se referir ao trabalho de documentação social do Departamento de Cultura, utiliza o termo “microcosmo”,⁹ e indica que dentro das pesquisas apresentadas no Congresso de Paris, realizou-se ainda um inquérito para a confecção de mapas folclóricos da cidade, que foram realizados em conjunto com a Sociedade de Etnografia e Folclore, abordando três assuntos: proibições alimentares, danças populares e medicina popular. Afinal, “[...] a construção de uma identidade genuinamente paulista e brasileira, a cultura urbana, decorrente dos fluxos migratórios excessivos, era considerada impura e perniciosa” (RAFFAINI, 2001, p. 87) e para os intelectuais paulistanos, formar uma identidade paulista brasileira era o caminho para se chegar à imagem do Brasil moderno.

Assim, a cidade não era só o microcosmo do nacional, na medida em que refletia a nação, era atelier, laboratório de uma série de práticas nacionais ressurgidas. São Paulo passava a ser, através do Departamento de Cultura e de suas iniciativas, um centro de divulgação cultural para todo o país. (RAFFAINI, 2001, p. 97)

Nesse sentido, amparados sempre numa perspectiva totalizante¹⁰ de planejar o futuro da cidade. Por meio de pesquisas sociais e etnográficas que detectassem problemas na

⁹ O termo alude também à expressão “miniaturas urbanas”, de Siegfried Kracauer, amigo de Walter Benjamin e editor do *Frankfurter Zeitung*, jornal onde Benjamin publicava boa parte das suas “imagens de pensamento”, numa forma de escrita também dada de modo fragmentárias e ligadas diretamente à experiência na cidade. Ver: JACQUES, Paola Bereinstein. Imagem-pensamento-cidade. In: VELOSO, Rita; JACQUES, Paola Berenstein. **Enigma das cidades**: ensaios de epistemologia urbana em Walter Benjamin. Belo Horizonte: Cosmópolis; Salvador: Edufba, 2023, p. 52-77.

¹⁰ Mesmo na proposta das bibliotecas, tratadas no tópico anterior, a ideia de abarcar uma totalidade estava presente. Mário de Andrade afirma no discurso comemorativo do aniversário de São Paulo, irradiado na Hora do Brasil: “[...] uma biblioteca brasileira se especializa, na pretensão ambiciosa de tudo saber sobre o Brasil, enquanto as bibliotecas circulantes, as bibliotecas populares dão o rebote da leitura, levando o livro à casa do homem sem vontade ou experiência.” (ANDRADE, 1936. In: Revista do Arquivo Municipal, 1936, p. 273, grifo nosso)

alimentação, moradia e educação, observa-se na análise dos dados obtidos, um viés extremamente moralista do Departamento. Na opinião dos pesquisadores,

a tarefa presente é de ensinar e guiar os alunos, filhos de pais estrangeiros, de modo a tornarem-se cidadãos brasileiros, úteis e leais [...] Tal tarefa se torna mais difícil, dado ao fato de uma porcentagem considerável de crianças viver em meios estrangeiros ou semi-estrangeiros, desfavoráveis à cidadania eficiente. (REVISTA..., 1936, p. 273)

Uma das primeiras pesquisas realizadas pelo Departamento de Cultura, acerca da alimentação da população, detectou o alto índice de subnutrição entre a população operária de São Paulo, em virtude dos altos preços dos alimentos, sobretudo de proteína e do hábito da população em não consumir verduras e legumes. Assim, o Departamento de Cultura começou uma campanha de distribuição diária de um copo de leite para as crianças que frequentam os Parques Infantis. Se voltarmos ao discurso do documentário de B.J. Duarte, notamos como estas refeições servidas às crianças são consideradas uma espécie de “combustível ao funcionamento dessa máquina complexa que é o organismo de um garoto”. Vemos, ainda, que atividades como o banho de piscina são vistas não apenas como um elemento de sociabilidade, mas como um exercício para o físico¹¹, algo que se tornaria muito útil na idade adulta, “desenvolvendo-se o espírito esportivo e o senso de humor, tão necessários mais tarde na luta pela vida cotidiana”, como afirma o narrador. Aliado à dimensão educacional intelectual, nos deparamos com a valorização das inúmeras atividades físicas e de lazer, da higiene e do cuidado médico, com intuito de manter corpos e mentes sãs. A criança é vista, sobretudo, como uma espécie de “pequeno operário”, não como um sujeito de direitos, a partir do que ela é no presente, mas sempre a partir da projeção de um futuro determinado; de um vir-a-ser cidadão útil e produtivo.

¹¹ Importante destacar que os instrutores de educação física dos parques eram selecionados por concurso, devendo possuir diploma da Escola Normal e ainda de instrutor de Cultura Física dada pelo centro de Educação Física do Exército ou pelo Departamento de Educação Física do Estado, com preferência àqueles que tivessem feito o curso de Educador Sanitário do Instituto de Higiene.

ESSES SERES ESTRANHOS E SELVAGENS

“As crianças, esses seres estranhos dos quais nada se sabe, esses seres selvagens que não entendem nossa língua.” (LARROSA, 2017, p. 229) Elas são como enigmas na cidade, são o desconhecido, como sujeitos e como itinerários. Ao nos darmos conta de que são múltiplas as infâncias existentes nas cidades e em tempos distintos, percebemos como uma única noção de infância, já tão consolidada nas áreas de estudo sobre a criança, carece, ainda, de uma certa relativização, ao se perceber como diferentes culturas lidam com estes sujeitos sociais e de direito, sobretudo no Brasil.

Tanto no caso da São Paulo da década de 1930, quanto na contemporaneidade, as crianças ditas “perigosas” para a sociedade, geralmente as mais pobres, as que não seguem o ideal imposto pela normatização, são aquelas que a sociedade não consegue calar e domesticar os corpos e as mentalidades. O conhecimento produzido pelas ciências também não consegue assimilar e admirar a liberdade na criança e suas inesperadas e surpreendentes atitudes, preferindo uniformizá-las e imobilizá-las, determinando condutas esperadas e adequadas, segundo uma classificação normatizadora. Esta criança, considerada um perigo para a cidade, pode ser a chave para respostas de diversos impasses das nossas cidades.

O que as fotografias e os vídeos registrados por J.B. Duarte nos Parques do Departamento de Cultura, ou mesmo o que a prática das crianças e de outros seres selvagens presentes na cidade, em pleno estado de modernização, nos mostram, é a imagem de um espaço urbano numa espécie de contrafluxo, lugares onde coabitam civilidade e selvageria, que ajudam a desfazer o ideal de progresso e o mito da pureza moderna. Essa criação e produção de outros espaços-tempos na cidade só é possível graças ao conflito da criança com o adulto e com a matéria. Nesse pequeno mundo, a criança vive e dá ordens. São gestos de autonomia que contribuem para romper com a falsa ideia de um sujeito infante, mudo ou mesmo do gesto adocicado e inocente infantil. O entendimento dessa coexistência entre mundos se dá não a partir da noção moderna e adulta de infância, ou sob o peso da imagem da “esperança” de futuro, mas a partir da assimilação da sua selvageria, da sua autonomia e liberdade nas cidades e em diversas temporalidades.

O pensamento em estado selvagem seria como uma brincadeira com o caleidoscópio, quando ao girar o aparelho vários arranjos [...] se formam a partir dos fragmentos que montam diferentes imagens: processos de montagem, desmontagens e remontagens desses “cacos ou resíduos” de processos históricos (fatos e eventos), mnêmicos (memórias e sonhos), etnográficos (mitos e ritos). Um jogo de embaralhamento permanente de imagens. (JACQUES, 2021, p. 76)

Por isso, para subverter, perceber e criar os espaços das nossas cidades, para ler e contar nossas histórias, é preciso aprender – e aqui as crianças tanto nos ajudam – a olhar e brincar com os restos e vestígios, a escavar o tempo como escavam numa caixa de areia, tornando suas camadas de tempo vivas, mesmo quando ele tenha passado. Como costumam fazer desde que aprendem a falar, as crianças nos ensinam a olhar o mundo e perguntar, refazer perguntas, fazer perguntas absurdas, por vezes sem respostas. Para isso, precisamos descobrir outros métodos para o nosso cientificismo: rabiscar papéis e paredes, brincar com o mundo, tornar-se nuvem, montar, desmontar e remontar o brinquedo.

Figura 2: "Parque Infantil da Barra Funda, B.J. Duarte, 1947"



Fonte: FERNANDES JUNIOR; ALVES DE LIMA; VALADARES (2007).

Através de práticas rebeldes e desestruturadoras da ordem urbana, as crianças, constantemente associadas a seres estranhos, não-civilizados, não-domesticados, não-educados: os *selvagens* na cidade; são observadas por fotógrafos, educadores, arquitetos e urbanistas, mas também, como uma espécie de enigma nas cidades, devolvem e desviam o seu olhar e também nos observa.

REFERÊNCIAS

AMERICANO, Jorge. **São Paulo nesse tempo**. (1915-1935). São Paulo: Melhoramentos, 1962.

CALIL, Carlos Augusto; PENTEADO, Flávio Rodrigo (Org.). **Me esqueci completamente de mim, sou um departamento de cultura**: textos e entrevistas de Mário de Andrade, Fábio Prado, Oneyda Alvarenga et al. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2015.

“Dia de São Paulo”. In: **Revista do Arquivo Municipal**, São Paulo, v. XIX, jan. 1936, p. 273.

DUARTE, Paulo. **Mário de Andrade por ele mesmo**. São Paulo: Hucitec, 1985.

FERNANDES JUNIOR, Rubens; ALVES DE LIMA, Michael Robert; VALADARES, Paulo. **B. J. Duarte**: caçador de imagens. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

JACQUES, Paola Berenstein. **Pensamentos Selvagens**: Montagem de uma outra herança v.2. Salvador: EDUFBA, 2021.

LARROSA, Jorge. **Pedagogia profana**: danças, piruetas e mascaradas. 6. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

LE CORBUSIER. **Urbanismo**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Saudades do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

MOURA, Esmeralda Blanco B. de. Entre o lúdico e o trágico: as crianças, as ruas e o trânsito de veículos na São Paulo moderna (1890-1937). In: XXVIII Simpósio Nacional de História, **Anais ANPUH-BR**. Florianópolis – Sc: Anpuh-BR, 2015. p. 1-6. Disponível em: <https://escoladeconselhos.ufrpe.org/livro/entre-o-ludico-e-o-tragico-as-criancas-as-ruas-e-o-transito-de-veiculos-na-sao-paulo-moderna-1890-1937/>. Acesso em: 20 jun. 2024.

POSTAN, Neil. **O desaparecimento da infância**. Rio de Janeiro: Graphia, 1999.

PRIORE, Mary Del (org.). **História das crianças no Brasil**. 7. Ed., São Paulo: Contexto, 2020.

RAFFAINI, Patrícia Tavares. **Esculpindo a Cultura na Forma Brasil**: O Departamento de Cultura de São Paulo (1935-1938). São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2001.

RUBINO, Silvana (org.). **Mário de Andrade e os parques infantis**. São Paulo: Itaú Cultural, 2013.

SANDRONI, Carlos. **Mário contra Macunaíma**: Cultura e Política em Mário de Andrade. São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais; Rio de Janeiro: Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro, 1988.